

**Diário de Bordo* de Gilberto Prado, realizado pelo artista durante expedições do “Projeto Água” na região amazônica coordenado por Val Sampaio em abril de 2011.

Diário de Bordo*

Daqui se vê muito água e céu, constelações de árvores e cipoais intransponíveis. Paisagens, como deveriam ser, sem fim, letárgicas como o tempo que flui entre um mergulho e um assobio. O suave toque das mãos-moças de sorriso aberto enfeitiçam os botos, nos enchem de doces, e nos levam para o fundo do rio, sem volta.

Céu-chão enorme, alívio nos pés de santería,
cascudos da lembrança do Círio.

Dia 1, caminho nas águas, troncos e barro,
a chuva se antevê ainda fraca, se cair desaba o céu e viro peixe.



O **segundo dia** passou, foi do mergulho no Rio,
da castanha do macaco e do boto, que surgiu tímido e distante.
As moças estão em sangue, guarde a distancia, disse o caboclo.



O dia 3 começou escuro,
chuva e a marca do metro preto da água que já desceu –
e ainda é cheia. Cocó-pilão e arara azul, garça é o que não falta.
Meus olhos começam a ver o que a selva, na mata esconde.



Dia 4, os cachorros caminham n'água;
a galinha resiste brava na mão firme, mas é um corte só,
inevitável circuncisão do rio. O choro se estanca na tradição
(banquete da cozinheira do dente da frente que falta).
Égua maninho, que rio bonito.



Dia 5: Contava minha avó Virginia, que nunca veio ao Amazonas,
nem tinha internet ou TV, da flor da Rainha Vitória,
que pousaram nela um bebê (para fotografar),
veio um jacaré e numa só bocada levou o pequeno para o fundo do Rio.
Plantei meu pé na superfície rugosa de verde ardido,
esperei, esperei, esperei.



Dia 6: o último banho foi de chuveiro,
mas a água é a mesma de beber, de banhar, de cozinhar, de limpar,
de ver o dia passar.
Busquei o molho de chaves perdido na roupa amarrotada da vinda.

